



# Cinomose canina: avanços e desafios da patogenia ao tratamento

## Canine distemper: advances and challenges from pathogenesis to treatment

Rhanna Marques Cunha<sup>1</sup> ; Giovanna Scalise<sup>1</sup>; Luana Andresa Mota Leite Martins<sup>1</sup>;  
Ana Carolina Pedrosa<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos – UNIFEB

### Resumo

A cinomose canina é uma enfermidade viral de caráter multissistêmico e altamente contagiosa, causada por um vírus do gênero *Morbillivirus*, que acomete principalmente cães não vacinados. A transmissão ocorre, principalmente, por meio do contato direto com secreções respiratórias, oculares ou corporais de animais infectados. Os sinais clínicos variam conforme o estágio da infecção, podendo incluir febre, secreções nasais e oculares, bem como distúrbios gastrointestinais, respiratórios e neurológicos, que podem evoluir para o óbito. O diagnóstico precoce é essencial para o prognóstico do paciente, uma vez que a infecção do sistema nervoso central reduz significativamente as chances de recuperação. O tratamento se baseia em medidas de suporte e controle dos sintomas, visto que não há terapia antiviral específica. A vacinação preventiva continua sendo o método mais eficaz para o controle e a erradicação da doença. Este estudo descreve um caso clínico de cinomose canina, destacando os principais sinais observados, o manejo terapêutico adotado e a evolução do paciente.

**Palavras-chaves:** canino; vacinação; tratamento; doença viral, secreções.

### Abstract

Canine distemper is a highly contagious multisystemic viral disease caused by a virus of the *Morbillivirus* genus, which primarily affects unvaccinated dogs. Transmission occurs mainly through direct contact with respiratory, ocular, or bodily secretions from infected animals. Clinical signs vary according to the stage of infection and may include fever, nasal and ocular discharge, as well as gastrointestinal, respiratory, and neurological disturbances that can progress to death. Early diagnosis is key for the patient's prognosis, as infection of the central nervous system significantly reduces the chances of recovery. Treatment is based on supportive care and symptomatic management, as there is no specific antiviral therapy. Preventive vaccination remains the most effective method for controlling and eradicating the disease. This case report describes a clinical case of canine distemper, highlighting the main clinical signs observed, the therapeutic management adopted, and the patient's evolution.

**Keywords:** canine; vaccination; treatment; viral disease; secretions.

---

**Autor correspondente:** Rhanna Marques Cunha. E-mail: rhanna.cunha@sou.unifeb.edu.br – (17) 99240-8816; Ana Carolina Pedrosa. E-mail: ana.pedrosa@unifeb.edu.br.

**Recebido para publicação:** 02/09/2025

**Aceito para publicação:** 25/11/2025

## Introdução

Nos últimos anos, o setor veterinário brasileiro tem se fortalecido em função da maior conscientização por parte dos tutores sobre a importância dos cuidados preventivos, incluindo consultas periódicas, exames e vacinação, tendência documentada em levantamentos recentes sobre o comportamento do consumidor pet (Qualittas, 2025; Grand View Research, 2025). Esse cenário reforça a necessidade de atenção contínua às enfermidades que permanecem relevantes na prática clínica, sobretudo àquelas cuja prevenção depende diretamente da adesão aos protocolos vacinais, como a cinomose canina, que ainda apresenta elevada frequência e impacto significativo na população canina brasileira (Ferreira et al., 2023).

A cinomose canina se destaca nesse contexto preventivo como uma das enfermidades de maior preocupação na clínica de pequenos animais. Trata-se de uma doença viral grave, altamente contagiosa e de caráter multissistêmico, causada por um *Morbillivirus* capaz de acometer cães de diferentes idades e condições imunológicas. Mesmo com vacinas eficazes disponíveis, a cinomose permanece amplamente distribuída no Brasil, afetando sobretudo animais não vacinados e contribuindo para surtos recorrentes (Santos et al., 2022; Ferreira et al., 2023). A elevada capacidade de disseminação do vírus, somada ao seu impacto sistêmico, reforça sua importância como problema sanitário relevante em diferentes regiões do país (Martella et al., 2020; Decaro et al., 2023).

A gravidade da cinomose está relacionada não apenas à sua alta transmissibilidade, mas também ao risco de evolução para formas neurológicas, que apresentam prognóstico reservado e elevadas taxas de letalidade. Estudos vêm demonstrando que variantes regionais, falhas vacinais e infecções em populações parcialmente imunizadas contribuem para a persistência de formas graves da doença, reforçando a complexidade de seu controle (Galdioli et al., 2023; Kawasaki et al., 2023). A diversidade de apresentações clínicas e o potencial para sequelas permanentes exigem diagnóstico preciso e manejo terapêutico adequado.

Diante dessa relevância epidemiológica e clínica, torna-se essencial reunir e atualizar o conhecimento científico sobre os aspectos patogênicos, clínicos, diagnósticos, terapêuticos e preventivos da cinomose canina. Assim, este artigo tem como objetivo revisar a literatura recente sobre a doença, oferecendo uma síntese atualizada que contribua para a prática

clínica, fortaleça estratégias de prevenção e ressalte a importância da vacinação como principal ferramenta de controle (Ferreira et al., 2023; Decaro et al., 2023).

## Desenvolvimento

Este trabalho foi elaborado por meio de uma revisão de literatura narrativa, com o objetivo de reunir e analisar informações científicas atualizadas sobre a cinomose canina, abordando seus aspectos históricos, etiológicos, clínicos, diagnósticos, terapêuticos e preventivos. Essa abordagem permitiu integrar contribuições de diferentes autores e instituições, oferecendo uma visão ampla e atualizada sobre a doença.

A busca bibliográfica foi realizada entre abril e junho de 2025 nas seguintes bases de dados científicas: SciELO (Scientific Electronic Library Online), PubMed (U.S. National Library of Medicine), Google Scholar, Periódicos CAPES e Scopus, selecionadas por sua ampla cobertura e confiabilidade na disponibilização de estudos revisados por pares. A utilização de múltiplas bases permitiu maior sensibilidade na identificação de artigos relevantes.

Foram empregadas as seguintes palavras-chave em português e inglês: “cinomose canina”, “canine distemper”, “vírus da cinomose canina”, “CDV”, “tratamento da cinomose”, “vacinação canina” e “doenças infecciosas em cães”. Os descritores foram combinados com operadores booleanos, possibilitando ampliar os resultados e identificar estudos que abordassem diferentes perspectivas da enfermidade.

No total, 73 artigos científicos foram inicialmente identificados. Em seguida, realizou-se a leitura dos títulos e resumos, selecionando-se 35 estudos que demonstraram relação direta com o tema proposto. Posteriormente, aplicaram-se os critérios de inclusão, que compreenderam publicações entre 2012 e 2025, redigidas em português ou inglês, disponíveis em texto completo e revisadas por pares. Como critérios de exclusão, foram descartados trabalhos duplicados, estudos envolvendo espécies silvestres e textos sem aplicabilidade direta à espécie canina.

Ao final do processo de triagem, 20 artigos científicos foram selecionados para comporem este estudo. Foram priorizados trabalhos recentes, abordando a cinomose sob diferentes perspectivas epidemiológica, clínica, diagnóstica e terapêutica permitindo a construção de uma revisão consistente, fundamentada em achados atuais e relevantes para a compreensão da enfermidade.

## Resultados

### ***História da descoberta do vírus***

De acordo com evidências históricas, o vírus da cinomose foi descrito pela primeira vez por Antonio de Ulloa em 1746, na América do Sul, possivelmente na região de Quito (Quintero-Gil et al., 2019). Alguns relatos sugerem que, a partir desse período, a enfermidade se disseminou pela Europa, com notificações iniciais na Espanha por volta da década de 1760 (Martella et al., 2016). Em 1763, relata-se que ocorreu um surto de grande magnitude em Madrid, no qual aproximadamente 900 cães teriam morrido em um único dia (Bautista-Canals, 2018). Na mesma época, a doença se expandiu para outras regiões europeias, como Inglaterra, Itália e Rússia, tornando-se um importante problema sanitário já no final do século XVIII (Woo et al., 2021).

Henri Joseph Carré, veterinário e pesquisador francês reconhecido por suas contribuições à virologia veterinária, foi o responsável pelo primeiro isolamento do agente viral da cinomose em 1905 (Ferreira et al., 2021). Antes disso, em 1844, Karle realizou a primeira transmissão experimental da doença ao utilizar secreções de animais infectados para contaminar cães jovens e suscetíveis, demonstrando seu alto índice de contaminação (Dietrich et al., 2022). Mesmo anteriormente, Edward Jenner já havia sugerido que a cinomose poderia ser semelhante à varíola, propondo que a inoculação do vírus vacinal (variola vírus) poderia atuar como forma de prevenção (Santos & Oliveira, 2020).

No Brasil, a cinomose canina já é reconhecida há várias décadas, com registros que indicam sua presença em diferentes regiões desde meados do século XX, refletindo sua ampla distribuição geográfica e impacto na saúde animal (Martins et al., 2017). Estudos de epidemiologia demonstram que o vírus continua a circular de forma significativa no território nacional, com a identificação de múltiplas linhagens virais em cães infectados, o que evidencia a capacidade de adaptação e evolução do agente etiológico (Santos, 2018).

### ***2. Patogenia***

Segundo Portela et al. (2017), o vírus da cinomose canina é eliminado por diferentes fluidos corporais, como saliva, urina, fezes, secreções nasais, conjuntivas e lacrimais. A transmissão do vírus da cinomose canina pode ocorrer mesmo antes da manifestação dos primeiros sinais

clínicos, o que contribui significativamente para sua disseminação silenciosa entre os animais. A infecção se dá, principalmente, por meio do contato direto ou indireto com secreções de cães infectados, sendo mais frequente em locais com alta densidade populacional, como abrigos, canis e centros de zoonoses, onde o controle sanitário pode ser mais desafiador (Galdioli et al., 2022).

Os primeiros sinais clínicos da cinomose canina geralmente surgem entre três e 15 dias após a infecção, sendo observados inicialmente como febre, apatia, anorexia, secreções oculares e nasais, podendo evoluir para sintomas respiratórios, gastrointestinais e neurológicos, conforme o tropismo viral e a resposta imunológica do hospedeiro (Portela et al., 2017; Tecsa, 2020a). A transmissão pode ocorrer mesmo antes da manifestação clínica, por meio de secreções eliminadas por cães infectados, o que torna o controle sanitário um desafio, especialmente em ambientes com alta densidade populacional (Sousa & Santos, 2024).

A desinfecção ambiental é fundamental para a contenção do vírus, sendo recomendada a utilização de compostos virucidas como hipoclorito de sódio, quaternários de amônio e peróxido de hidrogênio, que apresentam eficácia comprovada contra o *Morbillivirus* em superfícies contaminadas (Ávila, 2021; Portela et al., 2017). O isolamento dos animais suspeitos ou positivos deve ser realizado em áreas separadas, com barreiras físicas, controle de acesso, higienização rigorosa e uso de equipamentos de proteção individual, especialmente em locais como abrigos, clínicas veterinárias e centros de zoonoses (Sousa & Santos, 2024; Tecsa, 2020a).

### ***Vírus da cinomose canina***

O vírus da cinomose canina (*canine distemper virus* – CDV) é o agente etiológico da enfermidade e pertence à família *Paramyxoviridae* e ao gênero *Morbillivirus* (Martella et al., 2020; Decaro et al., 2023). É um vírus cujo material genético é composto de cadeia de RNA, o que torna sua disseminação de alto potencial, considerando que os vírus deste material genético possuem menos estabilidade, o que os torna mais infecciosos ao hospedeiro contaminado (Portela et al., 2017).

A partícula viral do vírus da cinomose canina é composta de seis proteínas estruturais principais: nucleoproteína (N), fosfoproteína (P), proteína de matriz (M), proteína de fusão (F), hemaglutinina

(H) e RNA-polimerase dependente de RNA (L) (Costa, 2021). Entre estas, as glicoproteínas H e F são fundamentais para o processo de infecção, enquanto a H é responsável pela ligação do vírus às células do hospedeiro. Por sua vez, a F promove a fusão das membranas celular e viral, permitindo a entrada do material genético no interior da célula (Ishiguro et al., 2020).

O vírus da cinomose canina apresenta amplo espectro de hospedeiros, afetando não apenas cães domésticos, mas também espécies selvagens pertencentes às famílias *Mustelidae*, *Procyonidae*, *Viverridae*, *Felidae* e *Ursidae*, entre outras (Martella et al., 2020; Mares-Guia et al., 2024). Animais não vacinados ou imunossuprimidos estão mais suscetíveis à infecção (KAVASAKI, M. L. et al., 2023). No entanto, o vírus não apresenta predileção por sexo, idade ou raça, podendo infectar qualquer indivíduo que possua comprometimento imunológico (Decaro et al., 2023; Beineke et al., 2015).

No entanto, esse vírus apresenta uma estrutura frágil, sendo rapidamente inativado por agentes físicos como calor e radiação, além de apresentar baixa resistência em ambientes externos (Ávila, 2021). Sua cápsula lipídica é vulnerável à ação de sais biliares e ao pH ácido, o que compromete sua integridade durante a passagem pelo trato gastrointestinal, tornando a ingestão de água ou alimentos contaminados uma via de transmissão pouco eficiente (Portela et al., 2017). Dessa forma, a principal forma de disseminação permanece sendo o contato direto ou indireto com secreções de animais infectados, especialmente em ambientes com alta densidade populacional (Sousa & Santos, 2024).

Na fase inicial, após a inalação de aerossóis contendo partículas virais, ocorre intensa replicação viral em linfócitos e macrófagos, levando à linfopenia e imunossupressão sistêmica (Budaszewski & Von Messling, 2016). Entre o quarto e o sexto dias após a inserção do vírus no organismo, este passa a circular através das correntes sanguíneas, linfáticas e até mesmo pelo líquido cefalorraquidiano (Pinto, 2022). À medida em que o quadro progride, o vírus da cinomose canina se dissemina para tecidos epiteliais, gastrointestinais, pulmonares e, em estágios mais avançados, para o sistema nervoso central, onde se manifesta a forma neurológica da doença (Beineke et al., 2015; Ishiguro et al., 2020).

## Sinais clínicos

O CDV se manifesta como um amplo espectro de sinais clínicos, cuja variabilidade está diretamente relacionada à cepa viral, à idade do animal, ao estágio da infecção e ao estado imunológico do hospedeiro (Elia et al., 2015). Cães jovens, não vacinados ou imunossuprimidos tendem a desenvolver quadros mais graves e multissistêmicos, com envolvimento respiratório, gastrointestinal, cutâneo e neurológico (Portela et al., 2017; Tecsa, 2020a). Essa diversidade clínica decorre da capacidade do vírus de modular a resposta imune e invadir diferentes tecidos, o que torna o diagnóstico clínico desafiador e exige atenção aos sinais iniciais e ao histórico epidemiológico (Beineke et al., 2015).

Nos estágios iniciais, os sintomas podem ser brandos e facilmente confundidos com outras enfermidades, o que contribui para atrasos no diagnóstico (Martella et al., 2020). Nos primeiros dias após a infecção, geralmente entre o terceiro e o sétimo dias, surgem sinais inespecíficos como febre, secreção nasal e ocular, anorexia, tosse e apatia e febre (Jericó et al., 2015). Com a progressão da doença, observa-se uma intensificação dos sintomas respiratórios, incluindo secreção nasal e ocular mucopurulenta, tosse produtiva, espirros e dispneia, que frequentemente se assemelham a quadros de broncopneumonia bacteriana secundária (Beineke et al., 2015; Vieira et al., 2021). Além disso, manifestações oculares como conjuntivite e ceratoconjuntivite são comuns, decorrentes da replicação viral nas mucosas oculares (Rendón-Marín et al., 2019).

Além dos sinais respiratórios e oculares, manifestações gastrointestinais também são frequentes nesse período (Ávila, 2021). Os animais podem apresentar diarreia, que pode evoluir para hematoquezia, acompanhada de êmese, anorexia, desidratação e até ulcerações intestinais, alterações estas associadas à replicação viral no epitélio gastrointestinal (Decaro et al., 2023; Martella et al., 2020; Budaszewski & Von Messling, 2016). Com o avanço da infecção, é comum a ocorrência de leucopenia e linfadenopatia, reflexos da resposta imunológica do hospedeiro diante da disseminação viral (Van et al., 2025).

Do ponto de vista dermatológico, alterações cutâneas podem surgir, sendo caracterizadas principalmente por pústulas purulentas e hiperqueratose de coxins e da trufa, esta última frequentemente relatada na maioria dos casos (Pinto, 2022).

Em estágios mais avançados quando o vírus atinge o sistema nervoso central, geralmente após cerca de três semanas da infecção, surgindo, então, sinais neurológicos graves, como convulsões, ataxia, tremores, enrijecimento de mandíbula e pescoço, alterações comportamentais, perda de equilíbrio e coordenação motora, mioclonias, vocalizações anormais e síndrome vestibular, na qual o animal passa a andar em círculos com a cabeça inclinada para um dos lados (Pinto, 2022).

Essas manifestações decorrem da predileção por células nervosas do vírus da cinomose canina e da persistência viral em neurônios e células da glia, o que explica o caráter debilitante e progressivo da fase neurológica (Ishiguro et al., 2020; Decaro et al., 2023). A encefalite, descrita como uma complicação severa da doença, representa um estágio avançado e demanda intervenção imediata (Greene & Vandevelde, 2015).

A evolução clínica da cinomose é variável, mas estudos indicam que a mortalidade pode ultrapassar 50% nos casos com comprometimento neurológico, tornando o prognóstico reservado nesses animais (Jones et al., 2019). Mesmo nos casos de sobrevivência, é comum a presença de sequelas permanentes, como déficits neurológicos e imunossupressão de longo prazo, o que reforça a importância da prevenção e da vacinação como principais medidas de controle (Greene & Vandevelde, 2015). A coexistência de sinais respiratórios, gastrointestinais e neurológicos evidencia o caráter multifacetado da enfermidade e ressalta a necessidade de uma abordagem diagnóstica criteriosa para diferenciá-la de outras condições clínicas (Jericó et al., 2015).

## Diagnóstico

O diagnóstico da cinomose canina requer uma abordagem integrada, combinando avaliação clínica minuciosa com exames laboratoriais específicos (Santos et al., 2022; Portela et al., 2017). Essa integração é necessária devido à ampla variabilidade dos sinais clínicos apresentados, que podem simular outras doenças infecciosas ou sistêmicas, além de apresentarem quadros diversos, de acordo com o estado imunológico do animal (Bezerra et al., 2022). A etapa clínica envolve a coleta detalhada do histórico do paciente, incluindo informações sobre vacinação, ambiente e contato com animais suspeitos, além da realização de exame físico completo e da observação de sinais

compatíveis com a infecção, como alterações respiratórias, gastrointestinais, neurológicas e cutâneas (Afonso et al., 2024; Beineke et al., 2015).

Para confirmar a infecção pelo vírus da cinomose canina, são realizados exames complementares, sendo um dos métodos atuais mais eficazes o da reação em cadeia da polimerase via transcriptase reversa (RT-PCR), que permite a detecção do vírus em amostras de secreções respiratórias, oculares ou urinárias (Nakadomari et al., 2017). A RT-PCR é altamente sensível e pode identificar o vírus mesmo em estágios iniciais da infecção, sendo considerada uma ferramenta valiosa para o diagnóstico precoce da doença (Tecsá, 2020a). No entanto, a presença de anticorpos em cães previamente expostos ao vírus pode resultar em falsos negativos, uma vez que o organismo pode eliminar o vírus após a resposta imunológica (Espinal et al., 2023).

Além da RT-PCR, testes sorológicos, como o *Enzyme-Linked Immunosorbent Assay* (ELISA), são utilizados para detectar a presença de anticorpos contra o CDV (Alchemypet, 2023). Esses testes fornecem informações sobre exposição prévia ao vírus, mas podem ser limitados em sua capacidade de confirmar infecções ativas (Espinal et al., 2023).

Além dos métodos laboratoriais tradicionais, testes rápidos, como os baseados em imunocromatografia, são utilizados para detectar antígenos do CDV em amostras de secreção nasal ou ocular, oferecendo resultados em apenas cinco a dez minutos, o que pode torná-lo um auxiliar na tomada de decisões rápidas sobre o tratamento (Ranno et al., 2018). No entanto, testes rápidos destinados à detecção de anticorpos contra o vírus da cinomose canina podem apresentar limitações diagnósticas, devido à sua incapacidade de distinguir entre imunoglobulinas M e G, o que pode levar à ocorrência de falsos positivos em animais vacinados (Sousa, 2018). Por esse motivo, os testes que identificam diretamente os antígenos virais, como os de imunocromatografia, são preferidos na prática clínica por apresentarem maior especificidade e confiabilidade, especialmente em fases iniciais da infecção (Senspert, 2023).

## Prognóstico

Considerando o elevado potencial de disseminação do CDV e a inexistência de um tratamento antiviral específico, o prognóstico da doença permanece reservado, especialmente nos casos em que os sinais neurológicos se manifestam precocemente após o início do quadro clínico (Portela et al., 2021).

Estudos recentes vêm indicando que a forma neurológica da enfermidade pode apresentar taxas de letalidade próximas a 50%, embora alguns animais sobrevivam por períodos prolongados, com mediana de sobrevivência estimada em 754 dias (Headley et al., 2022). A gravidade do quadro neurológico tende a ser maior em cães com alta carga viral no líquido cefalorraquidiano, o que também está associado a uma maior taxa de mortalidade (Martella et al., 2020). Mesmo entre os sobreviventes, é comum a ocorrência de sequelas neurológicas permanentes, como mioclônias, paresias e alterações comportamentais, o que evidencia a importância de um acompanhamento veterinário contínuo e especializado (Tecsá, 2020a).

## Tratamento

O tratamento da cinomose canina se baseia em medidas de suporte e, em alguns casos, no uso de antivirais, uma vez que não há terapias específicas aprovadas para a erradicação do vírus (Dantas & Lima, 2022). As abordagens de suporte incluem a administração de fluidoterapia intravenosa para correção da desidratação, suplementação nutricional para estimular o apetite e fortalecer o sistema imunológico, além da utilização de antibióticos de amplo espectro com o objetivo de prevenir ou tratar infecções bacterianas secundárias, que são comuns em pacientes imunossuprimidos (Ávila, 2021). Embora os corticosteroides não sejam recomendados em fases agudas da doença, devido ao risco de imunossupressão, estudos recentes vêm demonstrando que seu uso em doses anti-inflamatórias pode ser benéfico em pacientes com manifestações neurológicas, especialmente para reduzir edemas cerebrais e aliviar sinais clínicos (Headley et al., 2022).

Considerando a falta de tratamentos específicos para essa enfermidade, ainda vêm sendo realizados diversos estudos a fim de se obterem melhores resultados para a recuperação dos pacientes e aumentar a taxa de sobrevivência (Martella et al., 2020). Algumas pesquisas têm avaliado o uso de antivirais no tratamento, entretanto, ainda existe inconsistência nos resultados, em que pesquisadores divergem dessa abordagem, uma vez que a manifestação clínica pode continuar evoluindo apesar da administração desses fármacos (Decaro et al., 2023).

## Profilaxia

A vacinação representa a principal estratégia de prevenção, tendo em vista se tratar de uma

enfermidade altamente contagiosa que pode atingir cães de todas as idades, especialmente filhotes e animais não imunizados (Souza et al., 2021). Um estudo recente demonstrou que cães adequadamente vacinados apresentam evolução clínica mais favorável e menor mortalidade quando expostos ao vírus, ressaltando a importância da imunização atualizada (Decaro et al., 2023). Ainda assim, há desafios, pois mutações na proteína hemaglutinina do vírus em cepas circulantes no Brasil podem comprometer a eficácia de algumas vacinas comerciais, evidenciando a necessidade de se desenvolverem imunobiológicos mais adaptados (Souza et al., 2023). Além disso, a manutenção de títulos de anticorpos protetores por vários anos após a última dose vacinal já foi relatada, reforçando a importância de se avaliar periodicamente a imunidade sorológica em vez de apenas seguir protocolos fixos de reforço (Mila et al., 2014).

As vacinas disponíveis para a prevenção da cinomose canina incluem formulações monovalentes, que conferem imunidade específica contra o CDV, e vacinas combinadas ou multivalentes, que protegem simultaneamente contra outras enfermidades infecciosas, como parvovirose, adenovirose e hepatite infecciosa canina (Freire & Moraes, 2019). As vacinas multivalentes são amplamente utilizadas na rotina clínica, especialmente em locais com alta densidade populacional de cães, como abrigos e canis, por proporcionarem proteção abrangente em uma única aplicação, o que otimiza o manejo sanitário e favorece a adesão aos protocolos vacinais (Galdioli et al., 2022). No entanto, segundo as diretrizes da WSAVA (2024), há relatos de reações adversas associadas a essas vacinas, já que múltiplos antígenos são introduzidos no organismo do animal, embora eventos graves sejam raros. Em contraste, as vacinas monovalentes promovem uma resposta imune mais específica, sendo indicadas em situações que requerem reforço imunológico direcionado (Day et al., 2021).

Estudos recentes vêm demonstrando que a imunização por meio de vacinas multivalentes pode gerar títulos protetores elevados: em um estudo com cães adultos, foram obtidas taxas de soroconversão de aproximadamente 93% para cinomose após duas doses (Silva et al., 2020). Além disso, a vacinação não apenas protege os animais individualmente, mas contribui para a imunidade populacional, essencial para limitar a

disseminação em indivíduos suscetíveis (Day et al., 2021). Apesar da eficácia das vacinas, falhas vacinais ainda podem ocorrer por diversos motivos, tais como armazenamento inadequado, aplicação incorreta, interferência de anticorpos maternos em filhotes e resposta imune insuficiente (Day et al., 2021). Além disso, foram descritos casos raros de doença semelhante à cinomose associada à cepa vacinal em filhotes imunocomprometidos, reforçando a necessidade de monitoramento cuidadoso (Headley et al., 2022).

## Conclusão

A cinomose canina representa uma ameaça significativa à saúde dos cães, com potenciais consequências graves e irreversíveis. A natureza altamente contagiosa da doença, aliada à dificuldade de tratamento após a infecção, destaca a importância da vacinação como a melhor forma de prevenção. A conscientização sobre os sintomas e a importância do diagnóstico precoce são essenciais para proteger nossos animais de estimação. Por meio de informações adequadas, tutores e estudantes podem contribuir para a redução da incidência da doença. Assim, investir na prevenção é fundamental para garantir a saúde e bem-estar dos cães.

## Referências

AFONSO, M. V. R.; SILVA, P. H. R. B.; SOUZA, R. V. S.; RIBEIRO, G. B. R. B. (2024) Cinomose canina – métodos de diagnóstico laboratoriais. *Revista Vitae - Educação, Saúde & Meio Ambiente*, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 863-877.

Ávila, C. M. (2021). *Revisão de literatura: cinomose canina*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

Alchemypet. (2023). *Teste ELISA para cinomose canina*. São Paulo: Alchemypet.

Bautista-Canals, M. (2018). Historical perspectives on canine distemper in Europe. *Veterinary History Review*, 32(2), 145-153.

Beineke, A., et al. (2015). Pathogenesis of canine distemper virus infection: an immunohistochemical and molecular study. *Veterinary Immunology and Immunopathology*, 163, 1-10.

Bezerra, T. M., et al. (2022). Cinomose canina: análise epidemiológica, clínica, laboratorial e terapêutica. *Research. Social Development*, 11(9).

Budaszewski, R. F., & Von Messling, V. (2016). Morbillivirus host range restriction and pathogenesis. *Veterinary Microbiology*, 193, 8-19.

Costa, V. G. (2021). *Isolamento e caracterização molecular do vírus da cinomose canina*. Brasília: Universidade de Brasília.

Dantas, S. A., & Lima, T. C. F. (2022). *Avanços terapêuticos no tratamento da cinomose canina: revisão de literatura*. Juazeiro do Norte: Unileão.

DAY, M. J. et al. WSAVA Guidelines for the vaccination of dogs and cats. *Journal of Small Animal Practice*, v. 62, p. 1-65, 2021.

Decaro, N., et al. (2023). Canine distemper virus infection: updated insights and advances. *Viruses*, 15(1).

DIETRICH, J.; OLIVEIRA, K. P. Cinomose canina: revisão de literatura. *Revista Eletrônica de Anestesia e Saúde*, [S. l.], v. 8, n. 10, p. 1-15, 2022

Galdioli L, Botteon KD, Rocha YSG, Brugnerotto M, Garcia RCM. (2022). Vaccination principles for dogs and cats in animal shelters. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*.

Elia, G., et al. (2015). Virological and serological findings in dogs with naturally occurring distemper. *Journal of Clinical Microbiology*, 53, 3730-3736.

Espinal, M. A., et al. (2023). Molecular detection of canine distemper virus by RT-PCR. *Viruses*, 15, 1-10.

Ferreira, K. M., et al. (2023). Epizootiologia da cinomose em cães naturalmente infectados. *Ciência Rural*, 53(8).

Ferreira, L. M., Rodrigues, A. C., & Silva, P. R. (2021). Histórico e avanços na compreensão da cinomose canina. *Revista Brasileira de Medicina Veterinária*, 43(2), 1-10.

Freire, C. G., & Moraes, M. E. (2019). Cinomose canina: diagnóstico, tratamento e vacinação. *Pubvet*, 13, 170.

- Galdioli L, Botteon KD, Rocha YSG, Brugnerotto M, Garcia RCM. (2022). Vaccination principles for dogs and cats in animal shelters. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*.
- Galdioli, L., et al. (2023). Antibody seroprevalence against CDV. *ABMVZ*, 75(6), 1-10.
- Grand View Research. (2025). *Veterinary Vaccines Market Report 2025–2030*. San Francisco: Grand View Research.
- Greene, C. E., & Vandevelde, M. (2015). Cinomose. In C. Greene (Ed.), *Doenças infecciosas em cães e gatos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Headley, S. A., et al. (2022). Clinical and laboratory aspects of canine distemper: updated review. *Frontiers in Veterinary Science*, 9, 1-10.
- Ishiguro, N., et al. (2020). Molecular and pathological characterization of neurovirulent strains of CDV. *Journal of Veterinary Science (Suwon-si, Korea)*.
- Jericó, M. M., Kogika, M. M., & Andrade Neto, J. P. (2015). *Tratado de medicina interna de cães e gatos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Jones, B., et al. (2019). Clinical outcomes and mortality associated with neurological distemper. *The Journal of Small Animal Practice*, 60, 1-10.
- Kavasaki, M. L., Souza, A. O., Campos, A. N. S., Taques, I. I. G. G., Barros, R. V. P., Gomes, S. S. P., Pereira, N. A., Magalhães, T. B. S., Massoli Junior, E. V., Pavelegini, L. A. D., Campeiro Junior, L. D., Castro, B. G., Lunardi, M., & Aguiar, D. M. (2023). Characterization of the hemagglutinin gene of *Morbillivirus canis* in domestic dogs from the mid-western area of Brazil. *Veterinary Sciences*, 12(10), 948. <https://doi.org/10.3390/vetsci12100948>
- Lamar, A. C. F., et al. (2021). Retrospective study of positive dogs for CDV. *Research. Social Development*, 10(10).
- MARES-GUIA, M. A. M. M. et al. Coinfection with canine distemper virus and yellow fever virus in a neotropical primate in Brazil. *Viruses*, v. 16, n. 2, p. 288, 2024.
- Martella, V., Elia, G., & Buonavoglia, C. (2020). Canine distemper virus. *The Veterinary Clinics of North America*, 50, 1-10.
- MARTELLA, V.; ELIA, G.; BUONAVOGLIA, C. Canine Distemper Virus. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 46, n. 2, p. 275-292, 2016.
- Martins, D. B., et al. (2017). *Cinomose canina – revisão de literatura*. Santa Maria: UFSM.
- Mila, H. et al. Antibody persistence after canine core vaccination: a 3-year study. *Veterinary Microbiology*, 174:466–474, 2014.
- Nakadomari, G. H., et al. (2017). *Diagnóstico ante mortem da cinomose*. Maringá: EAIC.
- Pinto, F. S. (2022). Atualizações sobre manifestações clínicas e neurológicas da cinomose. *Revista Clínica Veterinária*, 27.
- Portela, V. A. B., et al. (2017). *Cinomose canina: revisão de literatura*. Recife: UFRPE.
- Portela, V. A. B., et al. (2021). Cinomose canina: revisão de literatura. *Revista de Medicina Veterinária*.
- Qualittas. (2025). *Relatório de tendências do consumidor pet*. São Paulo: Qualittas.
- Quintero-Gil, C., Rendon-Marin, S., Martinez-Gutierrez, M., Ruiz-Saenz, J. (2019). Origin of canine distemper virus. *Frontiers in Microbiology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fmicb.2019.01982>
- Ranno, M. S., et al. (2018). *Evaluation of rapid antigen detection tests*. *Research in Veterinary Science*, 118.
- Rendón-Marín, R., et al. (2019). Clinical and epidemiological findings of CDV. *Veterinary Pathology*, 56.
- Santos, R. M. (2018). *Cinomose em cães: técnicas diagnósticas e filogenia*. São Paulo: UNESP.
- Santos, T. M. B., et al. (2022). Canine distemper: clinical and therapeutic analysis. *Research, Society and Development*.
- Senspert. (2023). *Teste rápido para cinomose*. Londrina: SensPERT.
- Silva, R. O. S., et al. (2020). Serological response to multivalent vaccines. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 40.

Souza, A. P. O. et al. Molecular characterization of canine distemper virus circulating strains in Brazil. *Transboundary and Emerging Diseases*, 2021.

Sousa, D. C. M., & Santos, E. A. (2024). Cinomose canina: revisão atualizada.

SOUSA FILHO, G. D. de. Diagnóstico da cinomose em cães utilizando testes imunocromatográficos e moleculares em diferentes amostras biológicas. 2018. 74 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – *Universidade Federal de Goiás, Escola de Veterinária e Zootecnia, Goiânia*, 2018.

Souza, A. P. O., et al. (2023). Molecular characterization of CDV strains in Brazil. *Transboundary and Emerging Diseases*, 70.

TECSA. (2020). *Aspectos clinicopatológicos da cinomose*. Belo Horizonte: TECSA.

Van, D., et al. (2025). Hematological alterations associated with CDV. *Journal of Veterinary Clinical Pathology*, 34.

Vieira, A. P., et al. (2021). Manifestações respiratórias na cinomose. *ABMVZ*, 73.

Woo, P. C. Y., et al. (2021). Past and present of morbilliviruses. *Viruses*, 13.

World Small Animal Veterinary Association – WSAVA. (2024). *Vaccination guidelines*. Toronto: WSAVA.